

1994: O Ano do Quinquênio Perdido

31 DEZ 1993



Mas, contando com muita sorte, o Plano FHC2 pode dar certo e evitar balanço semelhante no final da década

ESTADO DE SÃO PAULO

que houve foi uma recuperação do nível de atividade, para um mesmo nível de capacidade instalada. Ou seja, a fábrica que gera o produto foi mais utilizada, mas não se investiu para a sua expansão. Isto é o que precisamos conseguir, pois significaria a saída da estagnação que já dura mais de uma década.

Visto de outra forma, 1993 não foi tão bom quanto se apregoa. 1992 é que foi ruim demais, pois todo o clima em torno do processo de impeachment contaminou negativamente a confiança dos consumidores e as transações entre empresas, fazendo cair o PIB. O Brasil é um corredor que se levantou de uma queda, mas ainda não tem gás para acompanhar os que investem mais no aprimoramento

de sua capacidade. Viciou-se na inflação, o "dopping" dos perdedores.

Em 1994, com a recuperação que já houve em 1993, e sem a retomada dos investimentos, não vemos fôlego para andar mais depressa. O mais provável é que vamos manter o mesmo produto e a taxa deve cair de novo, para valor próximo de zero, pois não haverá, como em 1993, um ano anterior em que o PIB caiu. Se houver crescimento, este virá mais por conta de problemas que de soluções: gastos do governo costumam crescer em anos eleitorais, estimulando o PIB, mas à custa do agravamento de desequilíbrios fiscais que comprometerão o crescimento futuro. Ou, ainda, assustada com o

discurso econômico de Lula, à frente das pesquisas eleitorais, eventualmente fugindo muito do trivial inevitável em face de um setor público em concordata, a economia pode reagir correndo para os ativos reais, o que gerará um crescimento doente, porque especulativo e contaminado pela febre da inflação.

Se contarmos, entretanto, com competência técnica, apoio político, mais a sorte de todos os amuletos e a proteção dos santos do céu e de todos os terreiros, o Plano FHC2 pode dar certo — ou pelo menos não muito errado —, a sucessão presidencial pode ocorrer sem traumas, e o País poderá contabilizar 1994 como o ano de mais um quinquênio perdido (1990—

94), mas terá garantido ganhos que evitarão um balanço semelhante no final da década, permitindo que vire o século como um corredor forte e novamente competitivo. Tudo isso parece sonho de virada de ano, mas está ao nosso alcance, desde que se trabalhe para que esse cenário aconteça. Em particular, é preciso cobrar dos políticos um apoio ao plano, o que não exclui críticas construtivas nem propostas alternativas. O que não dá para aceitar é a atitude daqueles que querem derrotá-lo apenas por conveniências políticas.

■ Roberto Macedo é professor da FEA-USP, pesquisador da Fipe e do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Começamos por 1993, oficialmente rotulado como um ano bom, dado o crescimento de 4% a 5% do PIB. Poderia ter sido pior, mas também poderia ter sido muito melhor se tivéssemos caminhado na direção da estabilização dos preços e da retomada do crescimento. Isso não ocorreu. A inflação continuou subindo, impulsionada pelo relaxamento que o governo Itamar, na sua fase pré-FHC2, promoveu nas políticas fiscal, salarial e de juros.

Desarrumado pela instabilidade dos preços e pelo clima de incertezas que prevalece, o motor de uma efetiva retomada, a taxa de investimento, continuou em marcha lenta, mal cobrindo a depreciação do capital da economia. O